



rabisco@rabisco.com.br

17 a 30 de maio de 2004

Equipe | Edições Anteriores

### O PESO DA INEVITABILIDADE HISTÓRICA

O Che Guevara que conhecemos assombra o que não conhecemos em *Diários de Motocicleta*

### MATURIDADE À FLOR DA PELE

A refrescante música cor de terra e de areia do Mombojó

### SEM COMPARAÇÕES

Os dinamarqueses do Mew aliam melancolia e originalidade no ótimo *Frengers*

### CANÇÕES PARA CORAÇÕES PARTIDOS

In *The Wee Small Hours* destila o melhor da fossa de Sinatra no mais clássico álbum solo da história

### DEIXA NO TÚMULO

*Van Helsing* vacila ao forçar ícones do terror a se adaptarem ao gênero de ação

### ANDANDO POR NATAL

Considerados pela imprensa estrangeira uma das novas sensações do rock, The Walkmen detona o festival MADA

### NO AR: COQUETEL MOLOTOV

Parceria do programa de rádio recifense Coquetel Molotov com o selo paulista Slag Records cria nova oportunidade para a cena independente

### EM SOLO NACIONAL

O *Rabisco* acompanhou a passagem das bandas Teenage Fanclub e Hell On Wheels em sua passagem na Terra Brasilis

### A ESQUERDA BRASILEIRA EM DEBATE

Livro reúne intelectuais para discutir as mudanças do novo PT criado pelo governo Lula

#62: Depois de cem textos no *Rabisco*, a conclusão: centena é coisa de adulto

#41: Um relato que jamais seria mostrado no Natal

#31: Você sabe qual era o maior sucesso nas paradas a um século atrás?

#13: Definidas as Quartas de Final da Taça Libertadores da América

Busca

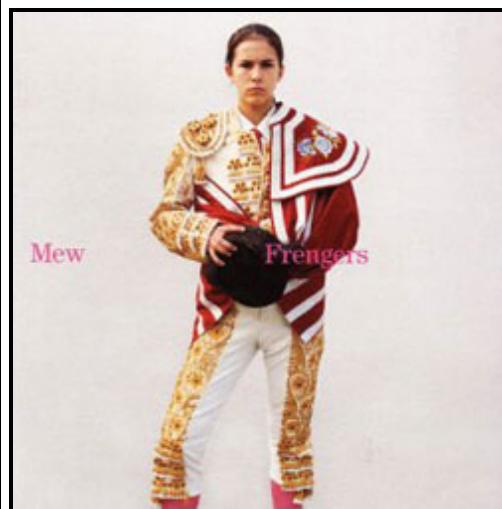


Picosearch

## SEM COMPARAÇÕES

### Os dinamarqueses do Mew aliam melancolia e originalidade no ótimo *Frengers*

por Fábio Freire (fabio\_fcosta@hotmail.com)

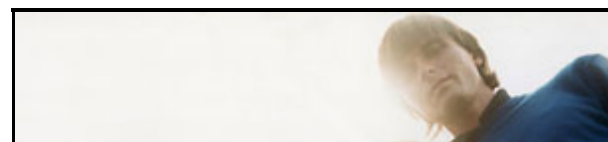


Sabe aquela história de alta expectativa? De você ver um filme ou ouvir um disco esperando, respectivamente, uma revolução na linguagem cinematográfica ou no mundo do pop/rock? Pois é, geralmente, essa história nunca termina bem e você acaba se decepcionando, achando o filme ou o álbum em questão muito normalzinho ou abaixo da média, quiçá uma tremenda porcaria. Mas, vez ou outra, essa alta expectativa é correspondida e você fica feliz da vida ao assistir a uma obra-prima ou escutar um CD que é um verdadeiro achado. Dito isso, posso afirmar sem medo que *Frengers*, novo álbum do *Mew*, badalada banda dinamarquesa, e primeiro

trabalho em uma grande gravadora (a poderosa Sony), não é nem um nem outro. Eleito pelo site brasileiro *London Burning* como o melhor álbum lançado em 2003 (a banda já havia promovido dois discos independentes, mas que ficaram restritos à Dinamarca), *Frengers* ficou na frente dos aguardadíssimos novos trabalhos de bambambãs como Radiohead, Strokes e Belle & Sebastian. *Frengers*, que ganhou vários prêmios também no seu país de origem, é um belo trabalho, sim, só não chega a abalar as estruturas do pop/rock. Mesmo assim, a banda já é considerada uma das maiores promessas da atualidade, recebendo elogios rasgados de todos os lados. O quarteto dinamarquês chegou a ser comparado até ao Sigur Rós, banda advinda da Islândia e que tem um som muito, mais muito estranho.

Mas os mais alarmistas não precisam se preocupar. Comparações à parte, o som dos dinamarqueses do Mew passa longe do experimentalismo pesado e singular do Sigur Rós, típica banda “ame ou odeie”. Ainda que quase sempre melancólico e triste, *Frengers* é um álbum bem mais leve e alegre que qualquer coisa que o Sigur Rós já tenha feito em toda sua existência. Ao todo, *Frengers* traz dez faixas que apostam em belas melodias, arranjos singelos e vocais suaves, conquistando, assim, quem gosta de um tipo de música mais elaborada e menos comercial. Numa primeira audição, o CD soa até um pouco chato e repetitivo. Mas basta um pouco de paciência para você se descobrir fã da banda e embarcar em uma viagem de poesia proporcionada por belas canções, como “Snow Brigade”, “156”, “Behind the Drapes” e “Am I Wry? No”.

O melhor do Mew é que as músicas fogem do esquema refrão-grudento-para-tocar-à-exaustão-na-rádio e apostam em letras inteligentes e cheias



de lirismo (“I know you and I know it won't take you long to make me smile”; “I saved myself for someone somewhere's sweet caress / Something goes wrong / And all I sought was happiness”). Outro ponto a favor é que o quarteto, formado por Johan Wohler (Baixo), Bo Madsen (Guitarra), Silas Graae (Bateria) e Jonas Bjerre (Vocal), sempre constróem suas composições apostando em variações que mudam, muitas vezes, a música por completo. Talvez venham daí as comparações com a banda favorita da Björk, o Sigur Rós. Dois exemplos são as ótimas “She Spider”, que começa bem mansa até se transformar graças a guitarras rasgadas e ao ótimo vocal, e “Eight Flew Over, One Was Destroyed”, outra balada que começa com um belo piano e muda de acordo com as variações tonais da voz de Bjerre.



Ainda falando em comparações, o Mew também teve seu som ligado a nomes como Radiohead, Coldplay, Mogwai e até mesmo My Blood Valentine, banda inglesa do final dos anos 80 que fez a alegria e a tristeza de muito indie. Mas isso pouco importa. Quando é que os críticos de plantão vão aprender que, para quem curte realmente uma banda, pouco importam suas influências, mas sim seu som, seja ele fresco e original

ou um pastiche bem produzido. E disso ninguém pode reclamar do Mew. A banda é muito bem produzida e entrega um disco fascinante e que ainda traz a participação especial de Stina Nordenstam e Becky Jarrett no vocal de duas faixas, respectivamente “Her Voice Is Beyond Her Years” e “Symmetry”, coincidência ou não, as mais fracas do CD. Se a primeira destoa da qualidade do conjunto das canções, a segunda soa arrastada e sem originalidade. Mas esse pequeno porém é muito pouco para suplantar a beleza de *Frengers*, que, se não chega a ser uma obra-prima, passa longe de ser uma decepção. Quem sabe o Mew não consiga a perfeição no seu próximo trabalho, ainda sob o título provisório de *Saviors Of Jazzballet*, programado para o final do ano. 🍷